

Precisamos falar sobre racismo no turismo

Natália Araújo de Oliveira

Doutora em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: oliveira.natalia@outlook.com

Resumo

O ensaio faz uma reflexão sobre racismo no turismo, lançando mão de pesquisas já realizadas que revelam como o racismo afeta o viajante negro, o trabalhador negro, a memória do negro, além de mostrar como a representatividade dos negros é quase nula na publicidade e nos conselhos do setor. O negro é frequentemente estereotipado, exotizado, invisibilizado no turismo e faz-se necessário um debate a fim de pautar a temática para se pensar em como construir um turismo antirracista.

Palavras-chave: Turismo. Racismo. Negro.

1 INTRODUÇÃO

Em 2020, o movimento *Black Lives Matter* ou *Vidas Negras Importam*, ganhou impulso em todo o mundo. A morte violenta do estadunidense George Floyd, em Minneapolis (Estados Unidos), chamou a atenção para uma mobilização que já existia no país desde 2013, mas que recebeu maior destaque a partir de então. O debate ultrapassou o noticiário policial, gerando uma discussão sobre o racismo em diferentes setores. O ensaio aqui apresentado traz o tema para o turismo.

O turismo é um fenômeno social que implica o encontro com o outro, com o diferente, permitindo trocas de conhecimento, experiências etc., mas também possibilita discursos etnocêntricos e permeados de hostilidade e racismo, envoltos em um discurso de poder. No turismo, o racismo cotidiano, institucional e estrutural se fazem presente. O texto mostra como o racismo ocorre no turismo, ainda que a discussão seja muitas vezes escamoteada na área, vista como desnecessária, de modo a fingir que nessa atividade as relações sociais são diferentes das demais da sociedade.

O ensaio traz exemplos de como o racismo afeta o viajante negro, o trabalhador negro, a memória do negro - que é silenciada ou ainda desrespeitada -, além de mostrar como a representatividade dos negros é ínfima tanto em órgãos institucionais quanto na comunicação em turismo. Acrescido às exemplificações, um debate teórico é traçado a fim de dar suporte ao conteúdo com o intuito de mostrar que o tema racismo no turismo é

importante, necessário e se faz urgente.

Vale ressaltar que o conceito de negros adotado inclui pretos e pardos, tal como a definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), embora seja necessário problematizar o conceito de pardo por ser um termo advindo da miscigenação que esconde um debate importante sobre identidade racial no Brasil. De todo modo, é fato que pretos e pardos são maioria no país, conforme o mesmo Instituto, compondo 55,8% da população (IBGE, 2019), entretanto, poucos são vistos fazendo turismo, o que revela um grande abismo social.

2 RACISMO NO TURISMO

O racismo, em termos simples, pode ser explicado como a dominação sistemática de um grupo étnico por outro, tendo como premissa a categorização do grupo subordinado como inferior (JENKINS, 1997). O racismo é estrutural, institucional e cotidiano, como afirma Grada Kilomba (2019). Estrutural por excluir pessoas da maioria das estruturas sociais e políticas, de modo a privilegiar, manifestadamente, os sujeitos brancos, de modo que os membros de outros grupos racializados ficam em uma desvantagem visível, isto é, fora das estruturas dominantes. Institucional por estar nas entranhas das instituições, como em sistemas e agendas educativas, mercados de trabalho, justiça criminal etc., também colocando os *sujeitos brancos* em vantagem em relação a outros grupos racializados. E cotidiano pelo fato de não serem experiências pontuais, ou seja, não são “ataques únicos”, mas sim um “padrão contínuo de abusos”, repetidos incessantemente em vários locais - como no ônibus, no supermercado, em festas e também em ambientes de lazer e de turismo.

O racismo não é biológico, mas discursivo. Há décadas já se sabe que raças, biologicamente falando, não existem. A ideia de existência de “raças” foi o suporte do racismo científico, que perdurou até a segunda metade do século XX. O racismo, em sua forma atual, é baseado em discursos de poder, seja ele histórico, social, econômico, fazendo uso de diferenças culturais como justificativa para hostilidade e discriminação. O racismo essencializa os povos dominados, de maneira que habilidades, comportamentos e disposições do grupo são ditos como inerentes e duradouros, herdados de uma geração a outra. Assim, os africanos e seus descendentes na América já foram percebidos como ingênuos, pouco inteligentes, sensuais, afetuosos, ou como preguiçosos, perversos, traiçoeiros e violentos, dependendo do lugar e do momento histórico (MILES, 1993; MONSMA, 2016).

Kilomba (2019) explica que, no racismo, *corpos negros* são vistos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Já *corpos brancos* são vistos como corpos que “estão no lugar”, “em casa”, corpos que pertencem a todos os lugares, todos os continentes, todos os espaços. No turismo, Ferreira e Casagrande (2018) questionam a ausência de corpos negros em espaços turísticos e apontam para as práticas interseccionais e estruturantes de gênero, classe e etnia/raça que atuam para que os negros do país não estejam em locais turísticos. Quando estão, frequentemente são “confundidos” com servidores do turismo por supostamente não pertencerem àquele papel de turista.

É problemática a ausência de dados oficiais sobre os negros no turismo no Brasil. Não há informações oficiais sobre os viajantes negros, não se sabe quem eles são, para onde vão, o que consomem, quanto consomem, quais seus hábitos de viagens. Pesquisas

neste sentido têm sido realizadas fora do Brasil¹, seja para informações estatísticas² ou para análises de cunho acadêmico.

A partir do *Black Travel Movement*³, descrito por Benjamin e Dillette (2021) como um novo⁴ movimento criado por negros que se apoiam para facilitar viagens seguras ao redor do mundo e também das *Black Travel Tribes*⁵ – organizações que têm o objetivo de conectar pessoas de ascendência africana e da diáspora africana à viagens e experiências de lazer e turismo fora de seu ambiente doméstico normal (DILLETTE, 2021)-, os debates sobre turismo e relações raciais têm se intensificado no exterior. Aqui no Brasil, os negros não são pauta das discussões acadêmicas em turismo. Uma pesquisa realizada nos sete periódicos nacionais vinculados aos 11 Programas de Pós-Graduação com área básica em turismo revelou que, de 2.618 artigos já publicados nestes periódicos, apenas cinco dão espaço ao tema, totalizando 0,19% de tudo já produzido (OLIVEIRA, 2021).

Já no mercado de trabalho do turismo, há poucas informações sobre os negros, de modo que não se faz ideia de que cargos ocupam e onde trabalham. Dos dados possíveis, a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), Briguglio (2021) mostra que no primeiro trimestre de 2021, o rendimento médio nos setores de alimentação, alojamento e turismo de pessoas não negras foi de R\$ 2.194,00, enquanto de negros foi de R\$ 1.274,00, reforçando como o setor do turismo é desigual.

A ausência de dados oficiais se conecta a invisibilidade, que será mostrada ao longo do texto, dos negros no turismo. Refletindo sobre a questão dos negros trabalhadores do turismo, em especial na hotelaria, o hoteleiro Hubber Clemente⁶ comenta:

Somos a maioria da população brasileira (56%), mas não a maioria dos hóspedes e nem estamos em altos cargos no setor. Achar este status normal é o grande problema da Hotelaria. Claro, não tenho a utopia que fosse diferente de muitos outros setores que também não são racialmente inclusivos. A contradição é que a Hotelaria acredita que este problema não existe, pois acha que o setor é inclusivo e diverso. Mas, não é (CLEMENTE, 2021).

O silêncio que inquieta Clemente não é problematizado no setor e grande parte das empresas da área não possuem programas de inclusão racial, inclusive grandes redes de

¹ Investigações, nos Estados Unidos, que analisam os viajantes afro-americanos revelam que atitudes, comportamentos e experiências de viagens estão ligados às questões de marginalidade, racismo e discriminação (DILLETTE; BENJAMIN; CARPENTER, 2019; LEE; SCOTT, 2017; PETERS, 2021).

² Em 2019, os viajantes afro-americanos estadunidenses gastaram, em viagens de lazer, \$109,4 bilhões de dólares (BENJAMIN; DILLETTE, 2021).

³ Em português seria algo como *Movimento de Viajantes Negros*.

⁴ O termo novo se faz necessário em virtude da organização já ocorrida durante os deslocamentos na era *Jim Crow*, período de maior segregacionismo estadunidense que durou de 1877 a 1964. Os negros que viajavam contavam com o *Green Book*, livro que circulou inicialmente em Nova Iorque, mas que se expandiu para todo o país de 1936 a 1966, com recomendações sobre locais seguros para se ir, comer, dormir etc. (SUTHERLAND, 2019).

⁵ Em português seria algo como *Tribos de Viajantes Negros*.

⁶ Em 2020, Hubber Clemente, Cadu Cordeiro e Camila Azevedo começaram, no *YouTube*, o canal *Negros & Pretos: Afro Hotelaria e Afro Turismo*, que pode ser conferido em: https://www.youtube.com/channel/UCOfLEpPi8UUojZk_ljZRZrQ

hotelaria que possuem políticas nesse sentido fora do Brasil não o executam no país (MATTEIS, 2021).

A falta de informações oficiais dos negros no turismo vai ao encontro de uma política nacional que nega o racismo no Brasil, tal como o faz o atual Presidente e Vice-Presidente da República. O Presidente, inclusive, descreve o Brasil como um local composto por “(...) povo miscigenado. Brancos, negros, pardos e índios compõem o corpo e o espírito de um povo rico e maravilhoso (...). Foi a essência desse povo que conquistou a simpatia do mundo” (IG, 2020), trazendo o engodo do mito da democracia racial, um conto de fadas de um Brasil harmônico e unido racialmente. Como se vê, o negacionismo é moeda corrente no país. Segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Paraná Pesquisas, a existência do racismo é negada por 34% da população brasileira (GHIROTTI, 2020).

Carneiro (2009) explica que a miscigenação deu e dá suporte ao mito da democracia racial no Brasil na medida em que o intercuro sexual entre brancos, indígenas e negros seria um indicativo de nossa tolerância racial. Entretanto, o argumento omite o estupro colonial praticado pelo colonizador sobre mulheres negras e indígenas. Nesse sentido, segue a autora, a miscigenação tem sido um instrumento eficaz de embranquecimento do país, de maneira a estabelecer uma hierarquia cromática e de fenótipos no qual o negro de pele mais escura está na base e o homem branco no topo. Aos que se situam na posição intermediária é dado o benefício simbólico de estarem mais perto do que é considerado o ideal humano: o Branco.

Uma pesquisa de Santos (2018) com 580 turistas afro-brasileiros mostra que 46,7% já vivenciaram e/ou presenciaram situações de racismo ou injúria racial em viagens nacionais e 21,3% em viagens internacionais. As situações nacionais diferem das internacionais em alguns pontos, mas, em geral, os turistas afirmaram ter visto ou terem sido vítimas de: atendimentos diferenciados por serem negros; perseguições em estabelecimentos; agressão verbal; acusação de furto ou roubo; impedimento de entrar em ambiente; serem sempre “confundidos com funcionário”, “piadas”; ameaças; condição financeira questionada; pertences revistados sem motivo comprobatório”, “depreciação do cabelo”; “inospitalidade”; exotização; hiperssexualização.

A perseguição que a pesquisa de Santos (2018) mostrou também é vista quando se faz *walking tour*. Um exemplo aconteceu em outubro de 2020, quando um grupo de turistas realizava a *Caminhada São Paulo Negra* e foi seguido por policiais por três horas (DIAS, 2020). A indagação é: se fossem turistas brancos, haveria a mesma perseguição? Qual justificativa é dada para que homens e mulheres negros juntos precisem ser “acompanhados” enquanto fazem turismo? No mesmo sentido, porque pessoas negras frequentemente são “confundidas” com manobristas ou a elas é sinalizado elevadores de serviços quando chegam a hotéis, principalmente de luxo⁷? Por que sua presença naqueles espaços é frequentemente questionada⁸?

⁷ Em 2018, a professora Tháyna Sisnande, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, participava de um congresso no hotel *Windsor Leme*, na Zona Sul da cidade e foi impedida por um recepcionista de entrar pela porta principal, sendo direcionada ao elevador de serviço (<https://oglobo.globo.com/sociedade/professora-da-ufrrj-relata-caso-de-racismo-sofrido-em-hotel-na-zona-sul-do-rio-23230065>).

⁸ Em 2018, uma criança de quatro anos foi vítima de racismo no *Hotel Fasano*, em Porto Feliz (SP), quando hóspedes abandonaram a piscina quando ela entrou na água (<https://www.hypeness.com.br/2018/09/chocante-hospedes-racistas-abandonam-piscina-de-hotel-apos-menina-negra-entrar-na-agua/>).

Também se fala de racismo no turismo quando se percebe como as mulheres negras são hiperssexualizadas na atividade, promovendo a objetificação racial. Um exemplo vem de um dos principais órgãos de turismo do Brasil, o Instituto Brasileiro de Turismo agora chamado de Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur), que, de sua criação em 1966 até o começo dos anos 1990, hiperssexualizou as mulheres negras, com reflexos na figura da *mulata*⁹, construída como:

(...) síntese da miscigenação sexual e racial, como erótica, disponível, alegre, cheia de ginga – o que remete a uma identidade de gênero (ser disponível ao homem branco), de sexualidade (hiper erotizada), de raça (ser *mulata* é raça, uma raça misturada, porém única, uma mistura de raças que a determina suas características de alegria e corpo gingado) (GOMES, 2010, p. 67–68).

Como comentam Santos e Sá (2021), as mulheres negras são invisibilizadas como turistas e consumidoras e têm sua imagem, no turismo, usualmente transformada em objeto de consumo a ser explorado, exotizado e hiperssexualizado. Além disso, tem constantemente sua imagem estereotipada. Krippendorf (2000) explica que o turismo tem uma tendência a confirmar e reproduzir estereótipos ou clichês turísticos.

O corpo da mulher negra constantemente é agredido na atividade turística, seja quando sua presença é questionada naquele espaço, quando é abordada por pessoas interessadas em sexo que a julgam prostituta, quando tem seu cabelo tocado por “ser diferente”, quando se pede que ela sambe por supostamente ser uma representante da *mulata* brasileira. Esta mulher tem negada sua subjetividade, um simples exemplo de como os corpos negros são essencializados. Mulheres negras são alvos de estereótipos racistas que descrevem supostos “impulsos sexuais primitivos” (HORDGE-FREEMAN, 2018) o que faz com que elas sejam tratadas como exóticas.

A mulher negra sempre é categorizada como cozinheira, faxineira, servente ou prostituta, como ressaltava Lélia Gonzalez (1984). Logo, não lhe cabe o papel de turista. Sua presença é vista sempre com estranheza. E, como pontua a autora:

Não adianta serem “educadas” ou estarem “bem vestidas” (afinal, “boa aparência”, como vemos nos anúncios de emprego é uma categoria “branca”, unicamente atribuível a “brancas” ou “clarinhas”). Os porteiros dos edifícios obrigam-nos a entrar pela porta de serviço, obedecendo instruções dos síndicos brancos (os mesmos que as “comem com os olhos” no carnaval (...)) (GONZALEZ, 1984, p. 230).

⁹ Os movimentos negros brasileiros, como o *Geledés*, *Afronta*, *Blogueiras Negras*, *Associação Brasileira de Pesquisadores Negros* – ABPN chamam a atenção para a importância de se refutar, nos dias atuais, o termo *mulata*, por ele ser, como comenta Ribeiro (2018), uma expressão pejorativa derivada da palavra mula, que indica mestiçagem, mistura imprópria, que era usado desde o período colonial para indicar negras de pele mais clara, frutos dos estupros sistemáticos de mulheres escravizadas pelos senhores de engenho. Por tal razão, a palavra está em itálico.

As imagens das mulheres negras veiculadas são o que a socióloga Patrícia Hill Collins (2019) chama de “imagens de controle”, isto é, estereótipos, figurações que aprisionam mulheres negras a determinados espaços e que afetam a maneira como elas são tratadas e como se veem. Embora reflita sobre a sociedade estadunidense, o excerto a seguir pode ser aplicado à realidade nacional:

(...) as imagens de controle surgidas na era da escravidão e ainda hoje aplicadas às mulheres negras atestam a dimensão ideológica da opressão das estadunidenses negras. Quando falo de ideologia, refiro-me ao corpo de ideias que reflete os interesses de um grupo de pessoas. Na cultura estadunidense, as ideologias racista e sexista permeiam a estrutura social a tal ponto que se tornam hegemônicas, ou seja, são vistas como naturais, normais, inevitáveis. Nesse contexto, certas qualidades supostamente relacionadas às mulheres negras são usadas para justificar a opressão (COLLINS, 2019, p. 35).

Mulheres negras têm experiências ainda mais dolorosas quando seu tom de pele é mais escuro¹⁰, sofrendo as consequências da pigmentocracia (ou colorismo), explicado por Hordge-Freeman (2018, p. 294) como “(...) sistemas que atribuem vantagens com base no fenótipo racial”, de maneira que o pigmento e a cor da pele estabelecem critérios de privilégio sob outros marcadores fenotípicos. Logo, quanto mais pigmentada uma pessoa, maior exclusão ela sofre. Entretanto, é importante destacar que isto não quer dizer que pessoas negras de pele clara não sofram racismo, apenas que elas gozam da possibilidade de serem “toleradas em certos ambientes”.

Silva (2017) explica que o colorismo e a pigmentocracia não dizem respeito ao acolhimento pacífico de negros de pele mais clara e sim a mais uma faceta do sistema racista, pois, por meio do colorismo, cria-se a ilusão de que parte da população negra é aceita, entretanto, àquela população de pele mais escura nega-se qualquer possibilidade de acesso aos espaços. Como explica Oracy Nogueira (2007, p. 296): “(...) no Brasil, a intensidade do preconceito varia em proporção direta aos traços negroides”.

Gabriel (apud LEITE, 2019, p. 46) percebeu, ao analisar a publicidade, que as mulheres negras de pele mais escura inclusive são preteridas quando comparada aos homens negros de mesmo tom de pele, de modo a confirmar que “(...) mulheres negras sofrem mais do que homens negros devido ao colorismo, sendo excluídas de anúncios, que enviam a mensagem de que preto não é bonito em mulheres”. Quantas mulheres ou mesmo homens “retintos” são vistos nas propagandas de turismo?

O negro é invisível como consumidor do turismo em revistas mercadológicas da área. Hintze e Júnior (2012) analisaram a revista *Viagem e Turismo* e mostraram como o negro dificilmente é apresentado como turista. Ele é sempre servidor do turismo ou ainda apontado como ser exótico. No mesmo sentido, a análise da revista *Viaje Mais Luxo* mostra a associação feita entre turismo de luxo e branquitude, de modo que apenas 11,23% do material publicitário da revista conta com pessoas negras e os negros aparecem em somente 6,31% do material produzido pela revista. Quando aparecerem, quase sempre são servidores do turismo (OLIVEIRA, 2020a). O que ambas as pesquisas revelam que é os padrões da ideologia étnica vigente tem o turista padrão como o

¹⁰ O que se agrava se também forem obesas, acumulando aos preconceitos já sofridos a gordofobia.

homem branco, isto é, corpos negros não são normalizados no turismo e menos ainda no turismo de elite.

Há poucos estudos que analisem *raça* entre os servidores do turismo. Santos et. al. (2020) trazem os casos cotidianos de preconceito racial que ocorrem com trabalhadores do receptivo e do posto de informação turística do *Aeroporto Internacional de Salvador* (BA). Pesquisas do mesmo mote em outras capitais do país endossariam os resultados e mostrariam como o racismo é presente na atividade turística. Um dos entrevistados de Santos et. al. (2020) afirmou: “Na questão da cor, não é uma questão de fala porque é uma questão velada: evitar de pegar a minha mão, manter uma certa distância como se você tivesse um chagas, uma doença”. Hordge-Freeman (2018) explica que o velamento do racismo é, em parte, resultado do gerenciamento que os brasileiros fazem das regras de etiqueta racial, baseando-se em comportamentos encenados que respeitam as regras das relações cordiais de *raça*. Aqui, falsas formalidades, junto com uma linguagem codificada e um humor racista são usados para reproduzir e normalizar as hierarquias raciais dominantes. Como o exemplo mostra, o turismo faz uso constante deste subterfúgio.

O racismo também é sentido pelos afroempreendedores em turismo, que são os negros que empreendem *na e para a cultura negra*, atuando junto ao afroturismo. Uma pesquisa com 15 afroempreendedores brasileiros mostrou que a maior dificuldade em afroempreender no turismo é o racismo, com um índice acima de problemas básicos da área, como dificuldade de acesso ao crédito ou com gestão (OLIVEIRA, 2020b).

Além disso, os empreendedores negros do turismo constantemente apontam a ausência de outros negros nos lugares que ocupam e relatam experiências em que não foram considerados empreendedores do setor pelo fato de serem negros (PLANA VIVÊNCIAS, 2020), o que mostra como o turismo não está preparado para a diversidade.

O negro também é vítima de racismo no turismo quando dados mostram que eles sofrem maior rejeição como hóspedes em plataformas de acomodação compartilhada – como o *AirBnB*, –, de acordo com uma pesquisa realizada pela *Escola de Negócio de Harvard* em cinco cidades estadunidenses (LEE, 2015). Um exemplo emblemático, mas no Brasil, vem da história do afroempreendedor em turismo Carlos Humberto Silva que, ao receber hóspedes em sua casa e sair, se deparou com um bilhete no retorno dizendo que eles haviam ido embora por que “não era bem o que esperavam”. Como afirma o afroempreendedor, “Eles não esperavam ser recepcionados por um anfitrião negro e isso ficou evidente assim que abri a porta” (DIASPORA.BLACK, 2020).

A memória dos negros é constantemente invisibilizada no turismo ou ainda desrespeitada. Um exemplo vem de São Paulo, onde mapas e guias turísticos oficiais da *São Paulo Turismo* ocultam a contribuição afro-paulista, fazendo referência aos bairros do *Bixiga* e *Liberdade* como “bairros dos imigrantes” – ainda que estes tenham sido construídos por negros (RODRIGUES; STOPPA; TRIGO, 2020). Como aponta Kilomba (2019, p. 65), uma maneira que os colonizadores encontram de colonizar é “ensinar colonizadas/os a falar e escrever a partir da perspectiva do colonizador”. Aos afro-brasileiros não é divulgado, no turismo, sua história, ainda que ela tenha sido escrita com sangue preto derramado nos espaços onde hoje a *São Paulo Turismo* faz questão de chamar de “bairros dos imigrantes”.

Também se desrespeita a memória dos negros quando um turismo acríptico é realizado, como o que ocorria na *Fazenda Santa Eufrásia*, na cidade de Vassouras (RJ), que até 2017 realizava uma encenação com negras vestidas como mucamas e turistas recebidos por uma “sinhá” (OLIVEIRA, 2016), reforçando a posição dos afro-

brasileiros no lugar de escravizados e minimizando o terror da escravidão no país. É a romantização de um período muito violento da história, que dizimou vidas e teve e continua tendo reflexos para os afro-brasileiros. Fazer a encenação de algo tão brutal e nefasto como uma “experiência turística” é de tamanha ojeriza que permite ratificar mais uma vez como o turismo é racista. A história ali contada não tinha nenhuma reflexão sobre o que realmente ocorreu naquele espaço, era uma encenação voltada apenas à história e aos privilégios da nobreza, uma narrativa eurocêntrica com foco na branquitude.

E a *Santa Eufrásia* não está sozinha nesta deturpação da história do Brasil. O faz de conta alienado ainda é reproduzido em fazendas da região, como aponta Teixeira (2019, p. 15). A autora explica que, nos produtos com o selo *Tour da Experiência* em Vassouras, a história difundida pelos empreendedores está relacionada à nobreza do período imperial brasileiro, com costumes, culinárias, vestuários, entre outros, em uma “(...) narrativa romantizada de um grupo social existente e relativizando outros povos, memórias e identidades, como o negro, contando apenas no viés da subalternidade, ratificando uma invisibilidade social”.

A análise de exposições de museus do Rio Grande do Sul, realizado por Zubaran e Machado (2013), revela o quanto ainda é necessário avançar nas representações sobre os negros em exposições museológicas. As autoras perceberam, ao examinar a exposição *Período Escravista* do *Museu Júlio Castilhos* (Porto Alegre/RS), um silêncio sobre as manifestações artísticas e culturais negras, sem menção a pintores, músicos e escritores negros, de maneira a hierarquizar culturas e desvalorizar os saberes da experiência negra na história e na cultura do período escravista do Rio Grande do Sul. Também lhes chamou a atenção que a explicação sobre as tentativas de resistência escrava se resumiam a aplicação de castigos, sem menção às fugas bem sucedidas que deram origem aos muitos quilombos que existiram no Brasil e cujos remanescentes continuam suas lutas até hoje. Outro ponto marcante é que a abolição da escravatura foi mostrada como um ato de benevolência da princesa Isabel, o que já foi contestado na historiografia nacional, embora ainda seja recorrente no conhecimento popular, como mostrou Hordge-Freeman (2018).

Os turistas que visitam essa exposição e muitas outras em museus Brasil afora acabam por ter uma visão deturpada da história, que menospreza a cultura afro-brasileira e desconhece sua essencial contribuição para a cultura nacional. A reflexão acerca dessa usurpação da história lembra Kilomba (2019, p. 65) quando autora conta sobre sua escolarização eurocêntrica que, ainda que não realizada no Brasil, serve de reflexão: “Nos pediam para ler sobre a época dos ‘descobrimientos portugueses’, embora só pudéssemos lembrar do roubo e da humilhação. E nos pediam que não perguntássemos sobre nossos heróis e heroínas da África, porque elas/eles eram terroristas e rebeldes”.

Outro exemplo do desrespeito à memória do negro no turismo é a má conservação da região do *Cais do Valongo* (RJ) - espaço vital para a história do Brasil, construído em 1811 e local de desembarque e comércio de africanos escravizados até 1831, posteriormente aterrado e redescoberto durante a revitalização da zona portuária do Rio de Janeiro para as obras das Olimpíadas e da Copa do Mundo. Segundo Lopez e Santos (2019, p. 42) “não há sinais visíveis de valorização da memória africana neste território”, isto é, um local tão importante e significativo para a história do Brasil merecia um cuidado muito maior do poder público.

Por fim, é necessário ainda lembrar que a representatividade negra (e também feminina) entre os representantes do turismo no Brasil é quase nula ou mesmo

inexistente, basta ver os membros do *Conselho Nacional de Turismo* ou ainda os Secretários de Turismo dos estados brasileiros, como bem apontou Delma Andrade na aula virtual do *Labor Movens* (2020).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apontar um problema e principalmente reconhecê-lo é um passo essencial para mudar uma realidade e o ensaio aqui proposto, mas do que mostrar erros, busca enegrecer o turismo a fim de torná-lo democrático e acessível a todos. Um primeiro passo é reconhecer que sim, o turismo é racista e não, o Brasil não é o país da democracia racial onde todos contribuíram da mesma forma para sua construção. É uma falácia que finge que o Brasil é o paraíso da cordialidade, onde todos serão bem recebidos e que há uma harmonia racial e social.

Assumir o racismo do turismo permite que se pense em políticas públicas, planos de desenvolvimento, cursos de capacitação, políticas de representação, de cotas, entre outros itens essenciais para planejar um turismo antirracista. É indispensável que o debate seja pauta nos setores públicos e privados e que não se torne apenas um discurso. Quando *George Floyd* foi assassinado por um policial branco, houve uma comoção mundial, muitas empresas colocaram *hashtags* em suas publicações nas redes sociais ou ainda alteraram suas fotos de perfis, mas quantas realmente perceberam a deficiência de suas políticas de diversidade e agiram internamente?

O turismo precisa dar atenção à diversidade e entender que, quando se discute o tema, é necessário ir muito além do pouco que já foi feito. Na hotelaria, por exemplo, a diversidade costuma ser pensada como turismo acessível a portadores de necessidades especiais – que também são excluídos da atividade - e o debate sobre negros não acontece.

A necessária atenção às políticas de diversidade das empresas de turismo mostrará que há negros trabalhando no setor, mas que dificilmente eles alcançam cargos de chefia e que, muitas vezes quando o fazem, recebem menos. Como dito no começo do trabalho, o turismo é um reflexo da sociedade, faz parte dela. No contexto geral, dados do IBGE mostram que a renda mensal dos negros equivalia a 55,8% dos brancos em 2019 e dos pardos equivalia a 57,3% (PAMPLONA, 2020).

É importante dar visibilidade aos negros que trabalham no setor, promover roteiros de afroturismo, apoiar as pequenas empresas que muitas vezes tem negros no comando. Os não negros são muito bem-vindos no afroturismo e costumam sair das experiências impactadas e com maior respeito pela cultura afro-brasileira (PLANA VIVÊNCIAS, 2020).

A construção de um outro turismo perpassa um olhar para dentro de si, com uma autocrítica e um novo pensar. Outros setores já percebem a necessária mudança, sendo cada vez mais presente uma publicidade antirracista, com um “discurso mercadológico crítico, que, sem neutralizar a essência do anunciar, opõe-se às expressões do racismo em suas ações de marcas” (LEITE, 2019, p. 37). Seria possível também pensar em um turismo antirracista? Fica aberto o debate.

AGRADECIMENTOS

Agradeço àqueles que batalham diariamente para enegrecer o turismo - no mercado de trabalho e na academia.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Stefanie; DILLETTE, Alana K. Black Travel Movement: systemic racism informing tourism. *Annals of Tourism Research*, v. 88, p. 1–10, 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738321000311>. Acesso em: 17 mar. 2021.

BRIGUGLIO, Bianca. Desigualdade racial e desigualdade de gênero no trabalho do turismo. In: 2º SEMINÁRIO VIRTUAL PERSPECTIVAS CRÍTICAS PARA O TRABALHO EM TURISMO. 2021. 2º Seminário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sbKN32wPLv0>. Acesso em: 18 ago. 2021.

CARNEIRO, Sueli. A miscigenação racial no Brasil. In: PORTAL GELÉDES, 18 ago. 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/miscigenacao-racial-brasil/> Acesso em: 26 nov. 2020.

CLEMENTE, Hubber. Os negros e a hotelaria brasileira. In: Revista Hotel News, 27 jan. 2021. Disponível em: <https://www.revistahotelnews.com.br/os-negros-e-a-hotelaria-brasileira/> Acesso em: 17 jun. 2021.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

DIAS, Guilherme. Caminhada São Paulo Negra é perseguida pela polícia durante três horas. In: Guia Negro, 24 out. 2020. Disponível em: <https://guianegro.com.br/caminhada-sao-paulo-negra-e-perseguida-pela-policia-durante-3h/> Acesso em: 26 nov. 2020.

DIASPORA.BLACK. **Nossa História – Diaspora.Black**. 2020. Disponível em: <https://diaspora.black/nossa-historia/> Acesso em: 16 nov. 2020.

DILLETTE, Alana K. Black travel tribes: an exploration of race and travel in America. In: DOWLING, Christof Pforr; VOLGGER, Michael (org.). **Consumer tribes in tourism: contemporary perspectives on special-interest tourism**. Singapura: Springer, 2021. p. 39–52.

DILLETTE, Alana K.; BENJAMIN, Stefanie; CARPENTER, Chelsea. Tweeting the Black Travel Experience: social media counternarrative stories as innovative insight on #TravelingWhileBlack. *Journal of Travel Research*, v. 58, n. 8, p. 1357–1372, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0047287518802087> Acesso em: 18 mar. 2021.

FERREIRA, Michel Alves; CASAGRANDE, Lindamir Salete. E quem disse que aqui não é o seu lugar? Por um turismo democrático e inclusivo para negros e negras. *Revista Mundi: Social e Humanidades*, v. 3, n. 1, p. 1–21, 2018. Disponível em: <http://periodicos.ifpr.edu.br/index.php?journal=MundiSH&page=article&op=view&path%5B%5D=665> Acesso em: 05 jan. 2020.

GHIROTTTO, Edoardo. Pesquisa exclusiva: 61% dos brasileiros acham que o país é racista. In: Veja, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/pesquisa-exclusiva-61-dos-brasileiros-acham-que-o-pais-e-racista/> Acesso em: 26 nov. 2020.

GOMES, Mariana Selister. A (des)(re)construção do Brasil como um Paraíso de Mulatas. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, v. 04, n. 02, p. 48–70, 2010. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-desreconstruc3a7c3a3o-do-brasil-como-um-pac3ads-de-mulatas-mariana-selister-gomes.pdf> Acesso em: 05 jan. 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, p. 223–243, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%2C%A9lia%20-%20Racismo%20e%20Sexismo%20na%20Cultura%20Brasileira%20%281%29.pdf Acesso em: 01 jul. 2020.

HINTZE, Hélio; JÚNIOR, Almeida. Estudos críticos em turismo: a comunicação turística e o mito da democracia racial no Brasil. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 1, n. 17, p. 57–72, 2012. Disponível em: <http://each.usp.br/turismo/publicacoesdeturismo/ref.php?id=49537> Acesso em: 05 jul. 2018.

HORDGE-FREEMAN, Elizabeth. **A cor do amor**: características raciais, estigmas e socialização em famílias negras brasileiras. São Carlos: EduFSCar, 2018.

IBGE. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. Estudos e pesquisas: informação demográfica e socioeconômica. 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf Acesso em: 22 set. 2020.

IG. Bolsonaro endossa Mourão e nega racismo: “Sou daltônico, todos têm a mesma cor”. *In*: IG último segundo, 21 nov. 2020. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2020-11-21/bolsonaro-endossa-mourao-e-nega-racismo-sou-daltonico-todos-tem-a-mesma-cor.html> Acesso em: 26 nov. 2020.

JENKINS, Richard. **Rethinking ethnicity**: arguments and explorations. London: SAGE, 1997.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2000.

LABOR MOVENS. **Aula Virtual Labor Movens**: desigualdade racial no mercado de trabalho do turismo. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WunMoPNjdos&ab_channel=LaborMovens Acesso em: 8 fev. 2021.

LEE, David. Hóspedes negros discriminados no AirBnB, aponta estudo de Harvard. *In*: G1, 12 nov. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/12/hospedes-negros-discriminados-no-airbnb-aponta-estudo-de-harvard.html> Acesso em: 8 fev. 2021.

LEE, KangJae Jerry; SCOTT, David. Racial discrimination and African Americans’

travel behavior. **Journal of Travel Research**, v. 56, n. 3, p. 381–392, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0047287516643184> Acesso em: 19 mar. 2021.

LEITE, Francisco. Para pensar uma publicidade antirracista: entre a produção e os consumos. In: LEITE, Francisco; BATISTA, Leandro Leonardo (org.). **Publicidade antirracista: reflexões, caminhos e desafios**. São Paulo: ECA/USP, 2019. p. 17–66.

LOPEZ, Mariana Pires Vidal; SANTOS, Rosane Soares. Cais do Valongo: reflexões sobre memória, turismo e preservação. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 9, n. especial, p. 35–46, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/7089>. Acesso em: 8 fev. 2021.

MATTEIS, Nayara. Lideranças negras e a branquitude da hotelaria. In: *Hotelier News*, 1 abr. 2021. Disponível em: <https://www.hoteliernews.com.br/liderancas-negras-e-a-branquitude-da-hotelaria/> Acesso em: 17 jun. 2021.

MILES, Robert. **Racism after “race relations”**. Londres: Routledge, 1993.

MONSMA, Karl. **A reprodução do racismo: fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista, 1880-1914**. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, v. 19, n. 1, p. 287–308, 2007.

OLIVEIRA, Cecília. Turistas podem ser escravocratas em fazenda “sem racismo”. In: *The Intercept Brasil*, 6 dez. 2016. Disponível em: <https://theintercept.com/2016/12/06/turistas-podem-ser-escravocratas-por-um-dia-em-fazenda-sem-racismo/> Acesso em: 8 fev. 2021.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Representação e representatividade dos negros em uma revista de turismo de luxo do Brasil. In: (Anptur, Org.). XVII SEMINÁRIO ANPTUR 2020a, online. **Anais** [...]. online. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/17/1738.pdf> Acesso em: 1 abr. 2021.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Afroempreender em turismo no Brasil: discussões iniciais. In: MENEZES, Paula Dutra Leão de; BRAMBILLA, Adriana; SOARES, André Luis Vieira (org.). **Perspectivas da gestão em turismo e hotelaria II**. João Pessoa: Editora da CCTA, 2020b. p. 397–435. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/hotelaria/perspectivas-da-gestao-em-turismo-e-hotelaria-1/perspectivas-da-gestao-em-turismo-e-hotelaria.pdf> Acesso em: 21 out. 2020.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Negros e turismo: análise da produção acadêmica sobre o tema em revistas vinculadas aos Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil. **Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, v. 13, n. 1, p. 219–238, 2021. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/8480> Acesso em: 29 mar. 2021.

PAMPLONA, Nicola. Aumenta desigualdade salarial entre brancos e pretos, diz IBGE. In: *Folha de São Paulo*, 6 maio 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/aumenta-desigualdade-salarial-entre-brancos-e-negros-diz-ibge.shtml> Acesso em: 8 fev. 2021.

PETERS, Charnell. Instagramming diasporic mobilities: the Black Travel Movement and differential spatial racialization. **Communication, Culture and Critique**, p. 1–19, 2021.

PLANA VIVÊNCIAS. **Plana Vivências no Instagram**: “Os desafios de empreender em turismo”. 2020. Disponível em <https://www.instagram.com/tv/CDAQSxvJe9w/> Acesso em: 8 fev. 2021.

RIBEIRO, Dijamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RODRIGUES, Denise dos Santos; STOPPA, Edmur Antonio; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Lazer, turismo e apropriação do espaço urbano: a São Paulo Negra e as narrativas oficiais e reivindicadas na história da cidade. In: ANAIS DO XVII SEMINÁRIO DA ANPTUR 2020, **Anais** [...]. : ANPTUR - Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo, 2020. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/17/1785.pdf> Acesso em: 8 fev. 2021.

SANTOS, Diogo Victor dos; BOMFIM, Kedma Nascimento; VIÑAL JUNIOR, Jose Veiga; SÁ, Natalia Silva Coimbra de. Turismo e preconceito: as (inter) relações existentes no tratar do turista com os profissionais de turismo em Salvador-BA. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 10, n. 1, p. 85–106, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/9532> Acesso em: 9 fev. 2021.

SANTOS, Joice dos; SÁ, Natália Silva Coimbra da. A mulher negra viajante: experiências e estratégias de combate à sua (in)visibilidade no turismo. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 9, n. 2, p. 252–269, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/23584> Acesso em: 15 jun. 2021.

SANTOS, Thainá Souza. **O viajante afro-brasileiro: enegrecendo o turismo**. São Paulo, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/textos/tc4087-Santos.pdf> Acesso em: 26 out. 2020.

SILVA, Tainan Silva e. O colorismo e suas bases históricas. **Direito Unifacs**, n. 201, p. 1–19, 2017. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4760>. Acesso em: 17 jun. 2021.

SUTHERLAND, Tonia. Social Media and the Black Travel Community: from autonomous space to liberated space. In: PROCEEDINGS OF THE 52ND HAWAII INTERNATIONAL CONFERENCE ON SYSTEM SCIENCES 2019, **Anais** [...]. : Hawaii International Conference on System Sciences, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10125/59657> Acesso em: 17 mar. 2021.

TEIXEIRA, Carolina Mara. “Somos herança da memória”: as narrativas reproduzidas no tour da experiência em Vassouras. In: ANAIS DO XVIII ENAPUR 2019, Natal.

Anais [...] Natal Disponível em:
<http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=909>. Acesso em: 10 fev. 2021.

ZUBARAN, Maria Angélica; MACHADO, Lisandra Maria Rodrigues. O que se expõe e o que se ensina: representações do negro nos museus do Rio Grande do Sul. **Momento - Diálogos em Educação**, v. 22, n. 1, p. 91–122, 2013. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/4225>. Acesso em: 10 fev. 2021.

We need to talk about racism in tourism

Abstract

The essay reflects about racism in tourism, making use of research already carried out that reveal how racism affects the black traveler, the black worker, the memory of black people, in addition to showing how the representation of blacks is almost nil in advertising and in the industry councils. Black people are often stereotyped, exoticized, made invisible in tourism and it is necessary a debate in order to guide the subject to think about how to build an anti-racist tourism.

Keywords: *Tourism. Racism. Black people.*

Artigo submetido em 05/03/2021. Artigo aceito em 23/10/2021.